

O Antes, o Depois e as Principais Conquistas Femininas

Ramaiane Costa Santos¹

Sandra Maria Pereira do Sacramento²

Resumo

O presente artigo analisa a condição feminina no século XIX assim como suas principais conquistas e rupturas para ter uma condição de vida melhor. Durante o século XIX a mulher era submissa e vivia confinada à esfera doméstica podendo sair somente se fosse acompanhada por um homem não tendo ao menos a liberdade de escolher seu marido. Este era selecionado pelo pai tendo como critério de escolha seus interesses financeiros. Na atualidade observa-se uma ruptura feminina com os padrões do passado demonstrando as várias faces da mulher como mãe, esposa, dona-de-casa, ativa no mercado de trabalho, etc. seu papel não se resume mais a procriação e nem aos afazeres domésticos, passando a ser um sujeito ativo na sociedade em defesa de sua nova postura.

Palavras-chave: *Século XIX; Mulher; Conquistas; Mercado de trabalho.*

Introdução

O início do século XIX para as mulheres foi marcado por um pensamento machista endossado pelas ideias da Igreja Católica e da ciência, que acreditavam que a mulher era inferior por sua condição física, devendo ficar reservada somente à função de procriação e aos afazeres domésticos, muitas vezes não podiam estudar e quando isso acontecia sua educação se resumia às primeiras letras.

¹ Discente do curso de Letras da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Bolsista de Iniciação Científica (2010-2011) com o projeto *Clara dos Anjos: a realidade feminina negra numa sociedade etnocêntrica* financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) Email: ramaianecosta@hotmail.com

² Docente, orientadora da pesquisa, professora titular em Teoria da Literatura (UESC/DLA) e coordenadora do Mestrado em Linguagens e Representações. Doutora em Letras Vernáculas - Literatura Brasileira pela UFRJ. E-mail: sandramsacra@uesc.br

O projeto de modernização da cidade do Rio de Janeiro contribuiu para esse estereótipo. Ele propagava que a capital federal, na época, deveria se parecer com as francesas. O ideal de uma cidade perfeita efetivava-se também com a determinação de como as mulheres deveriam se portar imitando os modelos europeus. Nesse novo padrão estava posto que elas não deveriam andar desacompanhadas pelas ruas e que deveriam casar-se muito cedo para adquirir experiência matrimonial, no entanto, esse marido era escolhido por seu pai de acordo com os seus interesses financeiros.

Na atualidade o universo da mulher não se restringe somente a esfera doméstica, tendo participação ativa na sociedade. Com tantas conquistas o início do reconhecimento deu-se com a estipulação do dia 8 de março como “Dia Internacional da Mulher” sendo um marco de conquista dos direitos humanos. A mulher conquistou a base de muita luta o reconhecimento como cidadã. Mas, a luta ainda não está totalmente vencida, ainda há desigualdades seja de salário ou preconceitos por ela ainda ser considerada por muitos como um ser frágil, doce e sem muita capacidade intelectual.

O antes

O comportamento feminino no século XIX difere do masculino, pois estes possuem papéis distintos dentro da sociedade e da própria cultura. A manutenção do estereótipo do homem como o chefe da família era influenciado de sobremodo pelos dogmas da igreja, os quais afirmavam que as mulheres eram feitas somente para procriar, ser carinhosa e uma excelente dona de casa. A percepção quanto à padronização da mulher “ideal” e como essas devem se comportar participa dos discursos sobre gênero como práticas sociais, onde o saber e o poder se entrecruzam, configurando categorias sociais a serem divulgadas por instituições e subjetividades apropriadas e emitidas pelos sujeitos históricos.

No entanto, quando estas quebravam com estes dogmas eram marginalizadas. As mulheres pobres que tinham a rua como uma das maneiras de manter seu sustento iam de encontro a muito do que era posto para a sociedade em relação à maneira como deveria se portar, já que agora a vida era influenciada pela tentativa de tornar as cidades, principalmente o Rio de Janeiro, como o reflexo da modernidade seguindo os padrões franceses. Barros nos diz que:

[...] o país republicano precisava despojar-se das marcas coloniais que forjaram nossas tradições e acompanhar o ritmo das capitais europeias e dos Estados Unidos mergulhadas

na revolução científico-tecnológica difundidas pelo mundo civilizado. Reconstituía-se um Brasil republicano, capitalista e racional que ansiava estar em sintonia com os modelos de prestígio. Vivia-se o apogeu da ideologia cientificista que transformava a modernidade em um mito cultuado por nossas elites. Só que o conceito de modernidade para nossa sociedade consistia em copiar. Significava falar, escrever, vestir-se, comer e morar [...]. Ao desejo de ser brasileiro, manifestado durante a independência, opunha-se naquele o de ser estrangeiro, de preferência, francês. (apud SACRAMENTO, 2009 p.111)

O projeto de modernização do Rio de Janeiro empreendido entre 1903 e 1906 fez parte de um amplo plano nacional urbanístico. A estratégia desse plano era combinar beleza, disciplina social, como a higienização física e moral, com uma revisão dos costumes que nem sempre eram aceitos sem resistência.

Na capital federal, o lema era 'o Rio civiliza-se'. O projeto de modernização da cidade do Rio de Janeiro pretendia remodelar, sanear e transformá-la em uma cidade cosmopolita, semelhante a Paris, imprimindo-lhe novos hábitos de consumo, assim como incentivando o afluxo de novas ideias e de capitais estrangeiros. Para executar tamanha mudança na capital federal, foi preciso botar baixo a velha cidade colonial e apagar as marcas da influência portuguesa na arquitetura brasileira, considerada de mau gosto. (idem, ibidem)

Dentro desses padrões estava posto que o centro da cidade deveria ser muito bem organizado não permitindo que as mulheres andassem desacompanhadas pelas ruas, além disso, essas deveriam casar-se às vezes muito jovens com homens bem mais velhos, tal prática era aceita com o argumento de que as mulheres precisavam adquirir experiência para a felicidade matrimonial. A mulher passou a ser do homem, como forma dele perpetuar-se através da descendência. A função dela foi sendo restrita ao mundo doméstico, submissa ao seu marido e filhos.

A igreja católica era quem exercia forte pressão sobre a sexualidade feminina com o argumento de que o homem era superior, pois ele representava Cristo no lar já que a mulher partilhava da essência de Eva, tinha de ser sempre controlada. Assim como Eva, toda mulher dispunha de um estigma para transgressão já que era um ser imperfeito, além disso, contava tudo o que se passava para suas amigas, tudo o que aprendiam através da arte da má associação entre feitiçaria e sexualidade, os feitiços feitos pelas bruxas eram úteis, sobretudo no campo afetivo.

A mulher carregava o peso de sua sexualidade por isso, deveria ser vigiada de perto só saindo de casa para batizar, casar e para ser enterrada. Era pouco capaz de sustentar uma conversação devido à reclusa em que vivia, expressando através de risos desajeitados e de suas reações tímidas sua ignorância e inexperiência no trato social. Esse era o comportamento de moças respeitadas e recatadas. Quintaneiro (1996) nos diz que:

Normas não explícitas determinavam os momentos e locais propícios, assim como as exigências de idade e estado civil para que as mulheres pudessem comparecer diante de estranhos. Das solteiras esperava-se um comportamento ainda mais retraído [...] É triste vê essas existências fanadas, sem contato algum com o mundo exterior, sem nenhum dos encantos da vida doméstica, sem livros, sem cultura de qualquer espécie. (p.42-43)

A educação feminina baseava-se nas primeiras letras que podiam ser feitas em casa ou nos recolhimentos. De acordo com Araújo (apud PRIORE 2001, p.48):

O programa de estudos destinado às meninas era bem diferente do dirigido aos meninos, e mesmo nas matérias comuns, ministradas separadamente, o aprendizado delas limitava-se ao mínimo, de forma ligeira, leve. Só as que mais tarde seriam destinadas ao convento aprendiam latim e música; as demais restringiam-se ao que interessava ao funcionamento do futuro lar: ler, escrever, contar, coser e bordar; além disso, no máximo, que a 'mestra lhes refira alguns passos da história instrutivos e edificação, e as faça entoar algumas cantigas inocentes, para as ter sempre alegre e divertidas.'

A família e a mulher submetiam-se a opinião dos outros. Elas eram vigiadas pelo marido ou pai e também pela sociedade, tendo assim, que aprender a comporta-se em público e a conviver de maneira educada. As leituras geraram um público eminentemente feminino, praticadas nos encontros sociais, ou à sombra de árvores. D'Incao nos diz que:

A possibilidade do ócio entre mulheres ou elite incentivou a absorção das novelas românticas e sentimentais consumidas entre um bordado e outro, receita de doces e confidências entre amigos. As histórias de heroínas românticas, langorosas e sofredoras acabaram por incentivar a idealização das relações amorosas e das perspectivas de casamento. (apud PRIORE, 2001, p. 228)

O casamento era uma instituição utilizada para ascensão social ou manutenção do status. As mulheres contribuía para uma mobilidade social através de sua postura como anfitriões ou como esposas e donas de casa. Com isto os homens eram dependentes da imagem que suas mulheres transmitiam, no entanto, a autoridade familiar estava em mãos do pai ou do marido. "Cada vez mais é reforçada a ideia de que ser mulher é ser quase integralmente mãe dedicada e atenciosa, um ideal que só pode ser plenamente atingida dentro da esfera da família burguesa e higienizada" (idem, ibdem, p.228).

As meninas com idade de 12 ou 13 anos podiam contrair matrimônio com homens de até 70 anos, os pais quando sua filha de 14 ou 15 anos não se casara ainda

ficavam inquietos. As mulheres desde muito cedo deviam ter seus sentimentos abafados sendo assim, o pai era quem escolhia o casamento da filha.

Os cuidados e a supervisão da mãe passam a ser muito valorizado nessa época, ganha força a ideia de que é muito importante que as próprias mães cuidem da primeira educação dos filhos e não os deixem simplesmente soltos sob influência de amas, negros ou ‘estranhos moleques’ da rua.

Esposas, tias, filhas, irmãs, sobrinhas (e serviçais) cuidavam da imagem do homem público; esse homem aparentemente autônomo, envolto em questões de política e economia, estavam na verdade rodeado por um conjunto de mulheres das quais esperava que o ajudassem a manter sua posição social. (Idem, ibdem p.229)

Os sentimentos transformaram-se no século XIX. Os conceitos do amor e sexualidade mudaram. Por conta disso, o amor romântico prescreveu as regras como consequência desses novos conceitos. O amor familiar e o cuidado com a família redefinem o papel feminino. A mulher é considerada base moral da sociedade: “[...] a mulher de elite, esposa e mãe da família burguesa deveria adotar regras castas no encontro sexual com o marido, vigiar a castidade das filhas, construir uma descendência saudável e cuidar do comportamento prole.” (idem, ibdem p.230)

As famílias iam para as cerimônias guiadas pelos negros escravos. Mas isso não impedia que ocorressem os namoros. “Saber que a escolha do cônjuge caberia ao pai e não aos enamorados não os impedia, entretanto, de encontrar oportunidades práticas para outros e mais intensas aproximações” (idem, ibdem, p.232)

No segundo encontro o namorado passava para a ação. Provocava um encontro aproveitando-se da confusão, por exemplo, na porta da igreja.

A proximidade entre os namorados assim constituídos, só não era maior porque as circunstâncias não permitiam: havia o controle familiar direto sobre as moças casadouras. A descrição de outras formas de namoro, denominadas de ‘espeque’ ou ‘lâmpião de esquina’ ou ‘estaca’, também sugere que ao lado da proibição havia um contato direto dos corpos sem intermediações discursivas ou sentimentais prévias: ‘ No século, não se fazia nada sem um apertão de carnes. ’ (idem,ibdem,p.233)

A mulher ou a menina candidata ao casamento era bem cuidada e trancafiada em suas casas, já que além de preservar a virgindade era também um mecanismo que envolvia uma aliança política e econômica. “A virgindade funcionava como um dispositivo para manter o status da noiva como objeto de valor econômico e político, sobre o qual se assentaria o sistema de herança de propriedade que garantia linhagem de

parentela. ”(idem, ibidem, p.233) O controle intenso da sexualidade feminina está vinculado ao regime da propriedade privada. A preocupação com o casamento estava relacionada aos bens a zelar, já que no século XIX o casamento era uma maneira de unir as riquezas e os interesses da elite branca.

No Brasil as mulheres viviam reclusas sob o poder de seus pais até o momento de passarem ao poder de seus maridos. Os pais combinavam as bodas dos filhos levando em consideração somente a condição financeira.

No Brasil o acordo matrimonial estava nas mãos do pai da moça e obedecia aos interesses familiares. Se a jovem é rica já está preparada para o casamento e o pai trata logo de apresentar-lhe algum de seus amigos.

A adolescência era quase desconhecida para as brasileiras que passavam da infância para a maternidade. Os viajantes diziam que o clima tropical agia como uma estufa para as brasileiras que amadureciam rapidamente e envelheciam também muito rápido. A idade dos pares das mocinhas brancas muitas vezes contrastava com a idade de seus esposos. A distância às vezes era tanta que as esposas pareciam filhas e os pequenos, netos do marido.

Os relacionamentos continuaram sendo vigiados até o início do século XX. Havia inúmeras formas para impedir a aproximação dos corpos antes do casamento. Os códigos religiosos e morais também contribuía para essa prática.

[...] Talvez a severidade possa ser mais completamente entendida à luz do fato da ausência de uma intermediação que separasse os corpos. Não havendo intermediação, os corpos, quando não vigiados, encontravam-se. E quando se encontravam causavam transtornos para o sistema de casamento, que se via ameaçado com o impedimento de uma aliança política e econômica desejável e esperada pelas famílias. (idem,ibidem, p.233)

O controle em relação às mulheres é fruto em parte da devassidão dos homens fora de casa e de sua insegurança dentro dela. Nesse sentido, brancos, negros e mulatos são iguais cada um fecha suas mulheres em casa para gozar de suas paixões na rua. O atenuamento da vigilância sobre as mulheres foi sendo conquistado ao longo do tempo.

O costume da vigilância e do controle exercido sobre as mulheres e o seu posterior afrouxamento no decorrer do século XIX, com a ascensão dos valores burgueses, estavam condicionados ao sistema de casamento por interesse. O afrouxamento da vigilância e do controle sobre os movimentos femininos foi possível porque as próprias pessoas, especialmente as mulheres, passaram a se autovigiar. Aprenderam a se comportar. (idem, ibidem, p.233)

0 depois e as principais conquistas:

O movimento feminista é o responsável pelos nos últimos 150 anos ajudar as mulheres em suas conquistas. No entanto, elas ainda buscam melhores condições e respostas eficazes, mas, com quase dois séculos decorridos muito já foi conquistado o que leva a humanidade a iniciar um novo milênio, acreditando na força da nova mulher, que não se parece em nada com a do passado.

A mulher atual passou a conduzir suas ações e se tornou multifuncional, bem resolvida, tendo em primeiro lugar sua liberdade e uma melhor condição de vida, sem deixar de lado sua feminilidade. Mais que isso, assegurou seu direito à cidadania, legitimando seu papel enquanto agente transformador. Sua participação nas últimas seis décadas tem sido um dos fatos mais marcantes ocorridos na sociedade brasileira: Entre os brasileiros que trabalham, as mulheres são quase a metade, e são responsáveis pelo sustento de aproximadamente 33% das famílias no Brasil. Tudo isso conseguido inicialmente quando nos fins dos anos 60 foi franqueado a elas o ensino popular.³

A chefia da família feita por mulheres também foi uma conquista. Ela se deu desde muito cedo, normalmente quando elas passavam por dificuldades econômicas por terem sido abandonadas. Quebrando então com a ideia da medicina social que dizia que as características femininas eram a fragilidade, o recato, o predomínio do afeto sobre o intelectual, a subordinação da sexualidade e a vocação maternal. Já o homem era caracterizado por força física, autoridade, empreendedorismo, racionalidade e uma sexualidade sem freios.

Muitos séculos se passaram e na sociedade burguês-capitalista, ela encontra uma possibilidade de resgatar a sua condição de sujeito. O pós-guerra legitimou a ocupação do espaço apropriado e respeitoso, ou seja, com o seu ingresso no mercado de trabalho em meados do século XX, ela passou a gerar renda e tomar frente a sua decisão. Neste mesmo século elas conquistaram também o “Dia Internacional da Mulher”, considerado como marco da luta feminina pelos direitos humanos, fazendo pensar sobre determinados conceitos e papéis na sociedade, provando que podem ser tão bem sucedidas quanto os homens ganhando cada vez mais espaço na política, sociedade e no trabalho.

³ A princípio, a presença das senhoras foi considerada impossível, mas com a demasiada inovação nos hábitos nacionais esse preconceito foi logo vencido e as portas se abriram para todos, à moda da Nova Inglaterra.

A liberdade trouxe ainda a autonomia no direito de amar. Os homens passaram então, a estar atentos às suas necessidades, e assim considerar os desejos e aquisições importantes da mulher, levando em conta sua posição, além de oferecer apoio. No livro Teoria Feminina, Goldman (1986), diz “deve-se descobrir como sermos nós mesmos e ainda achar unidade com outrem, como sentir-se em profunda comunicação com todos os seres humanos e conservar intactas as qualidades características de cada um”. Hoje, o modo como cada uma se coloca frente à sociedade se distânciava cada vez mais do papel feminino exercido no século XIX, graças a sua influência ela vive nos dias atuais frente ao seu tempo, expondo-se às críticas e lutando para conquistar o espaço quase sempre acirrado.

No Brasil, a constituição Federal de 1988 simboliza um marco fundamental na instituição da cidadania e dos direitos humanos das mulheres. Mesmo com todos os avanços ainda ocorrem às desigualdades, seja de salários, jornada excessiva de trabalho, de credibilidade e desvantagens na carreira profissional, mas muito há para ser modificado nesta história, já que há um longo caminho ainda a ser percorrido.

Todavia, a busca de melhores resultados é um objetivo de homens e mulheres em igual proporção, mesmo os dois tendo maneiras diferentes de encarar situações. A mulher acredita e utiliza a intuição, o homem ação. As mulheres tendem a construir suas carreiras etapa por etapa, os homens planejam suas carreiras em longo prazo. As mulheres costumam tomar decisões, já o homem têm uma maior capacidade de arriscar em novos empreendimentos, mesmo que isso lhe custe o emprego em certos casos.

As mulheres têm denunciado o alto custo que elas pagam por competir no espaço dos homens: Enquanto estes contam, de certo modo, com uma infra-estrutura de apoio, seja financeira, sejam apenas psicológicas, para competir no mercado de trabalho, as mulheres devem provar duas vezes mais do que são capazes, além de continuar a desempenhar as funções de mãe e de rainha do lar, exigidas tanto pelos maridos, quanto pelos filhos e familiares. (RAGO, 1996, p.199).

A mulher passou a enxergar o homem não apenas como um concorrente, mas sim, como um possível aliado, devido a uma nova fase em que ela está passando, a de igualdade crescente. Assegurado o seu direito à cidadania, ela passa a reconhecer seu papel como agente transformador, livre de todas as teorias econômicas e políticas, a mulher emancipada age entre os grupos da raça humana, entre as distinções de classe do direito dela e do homem, independente de quem está à frente.

Considerações finais

Da leitura que se expôs sobre a mulher foi verificado que ela tornou-se sujeito de si, já que durante toda sua história foi submissa e inferiorizada por sua fragilidade e condição fisiológica. Tornou-se multifuncional, mãe, esposa, dona de casa, inserida no mercado de trabalho, etc.

O século XIX foi um século que manteve as ideias dos anteriores, entretanto, em seu final passou-se a observar já uma mudança de pensamento com a nova organização familiar onde mulheres agora chefiavam sua casa e sua família trabalhando nas fábricas e fazendo o papel de chefes-da-casa.

O caminho percorrido pela figura feminina em busca de oportunidade, reconhecimento e igualdade foi árduo, lento, principalmente, porque contou com os empecilhos da instituição de maior poder, a Igreja Católica. Através dessa pesquisa constatamos que a mulher deixou de ser um sujeito passivo na sociedade e passou a ser um agente ativo, defensora de ações e argumentos em defesa de sua nova postura.

Quebrou com muitos dos paradigmas impostos pelo ideal falocêntrico e patriarcal reconhecendo seu importante papel na sociedade que antes era resumido apenas à sua condição de mãe e esposa. Descobriu o poder de sua sexualidade e da escolha de seu parceiro, assim como percebeu toda a “jogada” de interesse que estava por trás dos casamentos que até então, era escolhido por sua família.

Referências Bibliográficas

BARROS, Nadilza Moreira de. *Júlia Lopes de Almeida: uma trajetória feminina/feminista nas crônicas da belle époque brasileira*. In: SACRAMENTO, S. (Org.). **Genêro, identidade e hibridismo cultural: enfoques possíveis**. Ilhéus: Editus, 2009.

BRANCO, Pedro Vilarinho Castelo. **Mulheres plurais: a condição feminina na primeira república**. Teresina, 1996.

BUSSIINGER, Eliana. **As leis do dinheiro para mulheres**. Ed. Elsevier, 2005.

COUTINHO, Maria Lúcia Rocha. *Variações sobre um antigo tema: a maternidade para mulheres*. In: CARNEIRO, Teresinha Féres (org.). **Família e casal: efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro: PUC- Rio, 2009. p.122-137.

D'INCAO, Maria Ângela. *Mulher e família burguesa*. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 5º edição. São Paulo: Editora Contexto, 2001, p.362-399.

FONSECA, Cláudia. *Ser mulher, mãe e pobre*. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 5º edição. São Paulo: Editora Contexto, 2001, p.510-550.

PASSOS, Maria Consuelo. *Nem tudo que muda, muda tudo: um estudo sobre as funções da família*. In: CARNEIRO, Teresinha Féres (org.). **Família e casal: efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro: PUC- Rio, 2009. p.11-24.

RAGO, Margareth, **Adeus ao Feminismo?** Cadernos AEL, n. ¾, 1995/1996
Feminismo e (pós) Modernidade no Brasil, 1996.

QUINTANEIRO, Tania. **Retratos de mulher: O cotidiano feminino no Brasil sob o olhar de viajeros do século XIX**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.